

Prólogo

A INVASÃO DOS MONSTROS

Os monstros estão à solta. Disfarçados ou dissimulados, eles podem ser observados nos mais diversos lugares e situações do cotidiano. Aparecem jogando uma criança de cinco anos do sexto andar de um prédio ou viram destaque no noticiário da TV, após manter uma filha prisioneira num porão por 24 anos e obrigá-la a fazer sexo e a ter sete filhos. Os monstros também tomaram o poder. São ditadores ou políticos que se auto-proclamam salvadores do mundo, declaram guerras, massacram povos, alimentam guerras civis. Tudo em nome de uma coisa chamada democracia – que, para alguns, transforma-se cada vez mais num monstro.

Também se manifestam como matadores frios, sádicos e *serial killers*: na pele de lunáticos que adentram escolas e disparam contra colegas, professores e funcionários, como se participassem de um videogame ao vivo ou de uma gincana para ver quem mata mais. Há monstros até mesmo no local de trabalho, na pessoa de um chefe inseguro e vingativo, aqueles que não medem esforços para se livrar de qualquer ameaça à sua posição ou ascensão profissional. Monstros são vistos no trânsito também: dirigem embriagados, atropelam, aceleram o carro sobre o corpo da vítima, matam; ou ficam em surdina para assaltar ou arrastar uma criança até a morte, por seis quilômetros, presa pela porta do veículo.

Em todos esses casos, essas terríveis criaturas não têm a aparência grotesca que se espera quando se fala de monstros. São pessoas que encontramos nos metrô, trens e ônibus; na fila do restaurante por quilo, na sala de cinema, contemplando as prateleiras de uma movimentada livraria ou sentadas num banco de igreja ou a pregar a palavra de Cristo. Esses tipos não são objeto de interesse deste livro. Importam aqui, exclusivamente, os monstros nascidos da imaginação humana, de aspecto assombroso, sobrenatural, inclusive aqueles ligados a religiões e seitas e que se acredita não terem uma forma física muito agradável, mas que nunca se provou que existam.

Desfilam nas páginas a seguir criaturas dos mais diversos tipos e formas de manifestação das artes – pintura, escultura, literatura, cinema, circo, desenhos animados, histórias em quadrinhos, RPG etc. São monstros criados para dois propósitos aparentemente contraditórios: assustar para divertir. Em alguns casos, como nos dos monstros ditos bonzinhos, pretendem educar, instruir, acabar com o preconceito de que o feio é mau e o belo é bom.

O principal critério para definir monstro aqui é, a princípio, a aparência grotesca, que causa algum de tipo de reação de medo ou temor no primeiro momento. Mesmo que, às vezes, venham disfarçados de elegantes e sedutores vampiros ou vampiras que, como se sabe, são belos à primeira vista, mas ganham aspecto assombroso no momento de atacar suas vítimas: os olhos se tornam avermelhados ou as pupilas desaparecem, as orelhas e as presas crescem e se tornam ameaçadoras, mortais, aterrorizantes, quando quase sempre já é tarde demais para a vítima resistir.

O leitor se defrontará neste livro com fantasmas, lobisomens, extraterrestres, duendes, gnomos, dinossauros, macacos gigantes, canibais, criaturas nascidas nos pântanos, corcundas que habitam igrejas e a figura da morte com seu capuz preto e sua foice etc. Todos mostrados por meio de imagens e textos com sua história, além de curiosidades e pequenos resumos das tramas que os transformaram em sucesso ou mesmo em ícones do imaginário popular. Tudo dentro do formato que tem de ter uma enciclopédia: informação necessária, com o acréscimo de um toque de entretenimento, num texto que se pretende ser leve e humorado.

O propósito, claro, não é esgotar o tema. Principalmente porque faltam no mercado editorial brasileiro e até mundial obras que tragam a abordagem aqui proposta de maior abrangência, com vários gêneros e subgêneros. Quer apenas ser um ponto de partida, mapear os exemplos mais

significativos dos monstros nas histórias de terror para que nossas pesquisas sejam desenvolvidas e aprimoradas. É possível, portanto, que o fã mais dedicado sinta falta de determinados filmes, livros ou personagens de quadrinhos de terror de sua preferência, ou que tragam monstros realmente importantes. Se acontecer, será porque o autor desconhece ou o fez por opção editorial, devido às limitações de espaço deste volume, que impôs uma seleção mais rigorosa dos personagens. Nesse sentido, só para ter uma idéia, embora tenham sido identificadas mais de 60 versões de Drácula nos quadrinhos, somente pouco mais de meia dúzia foi escolhida para aparecer nesta edição.

Acima de tudo, a *Enciclopédia dos Monstros* quer ser um guia de consulta para divertir. Portanto, adentre suas páginas sem medo, como se fosse um bom clássico de vampiro que aparece na tela de seu televisor ou um passeio pelo túnel do terror de um parque de diversões. Sinta um pouco de medo ou repulsa, mas tenha a segurança de que tudo está preso na tinta impressa sobre o papel.

O autor, que é considerado um monstro por alguns.

Satanás na visão de Mozart Couto.



O QUE É MONSTRO PARA VOCÊ?

A ciência e a medicina acabariam por influenciar significativamente e de forma indireta a idéia de monstro nas artes desde os primórdios da humanidade. Não foram poucos os escritores e roteiristas de cinema que recorreram a teorias diversas para compor romances e tramas macabras que traziam criaturas cujo aspecto tinha explicações nos tratados médicos. No caso da ciência de modo geral, o termo está ligado à Criptozoologia, área pouco conhecida que estuda a possível existência de monstros e outros animais bizarros — principalmente os de origem marinha.

Na medicina, no decorrer dos séculos, chamavam-se de monstro as pessoas com deformidades físicas diversas, congênicas ou adquiridas — mutilações, doenças etc. A figura da pessoa com hanseníase (lepra) em estado avançado, por exemplo, quando a doença atingia principalmente o rosto, era relacionada ao aspecto de monstruosidade. O mesmo valia para as mulheres barbadas, os seres de duas cabeças e as pessoas com membros atrofiados ou exagerados que eram apresentados como atrações em circos e parques de diversões que percorreram principalmente os Estados Unidos até meados do século passado.

Em seu livro *Histoire des Monstres* (1880), o médico francês Ernest Martin tentou estabelecer uma ordem cronológica na idéia de monstruosidade dentro de sua profissão. Ele citou casos como a “descoberta” feita por Étienne Geoffroy Saint-Hilaire de um monstro embalsamado no antigo Egito, em 1826. A criatura teria sido encontrada numa tumba de Hermópolis, construída especialmente para “animais sagrados”, junto com um amuleto que representava um macaco. Descobriu-se que era, na verdade, uma criança com problema de formação congênita, que nasceu sem cérebro.

Segundo Martin, o tratamento do “monstro” já no antigo Egito carregava uma série de significados sacros, como se nota nos animais que eram representados como criaturas humanóides. Essa observação remete ao conceito de Teratologia, ciência que estuda as anomalias originárias da

composição do ser no ventre da mãe — mais de uma cabeça, mais de dois membros, hermafroditismo etc. Uma definição usada também é o estudo das deformações ou monstruosidades orgânicas. De modo vulgar, costuma ser definida como “estudo dos monstros”.

Os conceitos de monstro criados ao longo de diferentes épocas acabaram por se completar. Para alguns dicionaristas, o termo vem do latim *monstrare*, que quer dizer “mostrar”, no sentido de expor, de revelar algo. No Renascimento, portanto, “monstruoso” significava o sinal ou a mensagem enviada por Deus aos homens, com o propósito de “demonstrar” sua vontade ou sua ira. Outros estudiosos afirmam que “monstro” vem de *monera* e quer dizer “avisar”, como uma visão profética sobre tragédias futuras.

Uma terceira corrente aponta para *monstruim*, que significa espetacular, “aquele que se mostra para além da forma”. Há também quem afirme categoricamente que a palavra veio de *monstrum* e quer dizer “o nome dado genericamente a uma criatura lendária de aspecto aterrorizante”. Os monstros seriam, portanto, seres que aparecem em lendas, mitos e no folclore. Está relacionado à mitologia e às religiões que marcaram as muitas civilizações no decorrer de milênios.

O filósofo e historiador francês Michael Foucault (1926-1984) se referia à palavra para definir os loucos e internos de asilos que assim permaneceram até o século XIX — tema que estuda no fascinante livro *A história da loucura* (Editora Perspectiva). No século XX, entretanto, essa idéia foi ampliada por causa do volume de livros, filmes, programas de rádio, revistas em quadrinhos e outras formas de expressão que abordam o terror nas diversas formas de mitologia destes tempos contemporâneos.

Por décadas, o monstro encarnou freqüentemente a figura do mal que é derrotada por um cavaleiro ou herói que representa o bem e as virtudes. A evolução dos costumes e da própria indústria do entretenimento acabaria por

ampliar esse conceito e lhe dar diferentes conotações, muitas delas distantes do simples requisito da aparência visual para se definir monstro. Deixou as páginas dos livros e gibis e os filmes de horror para ser apropriado das mais diversas formas.

Faz algum tempo, por exemplo, que chamar uma celebridade ou uma autoridade em determinada área ou assunto de "monstro" se tornou um dos maiores elogios que alguém pode receber. Existem, assim, os monstros do rock, da literatura, das artes plásticas, do design, da moda etc. "Monstro" está relacionado também a tamanho ou a intensidade. Assim, é comum ouvir expressões casadas que querem dar alguma ênfase, como "casa monstro", "navio monstro", "avião monstro", "fome monstruosa", "saude monstruosa", "paixão monstruosa", "tesão monstruoso", "desejo monstruoso", "paixão monstruosa", "viagem monstruosa". Pode acontecer também um "concerto monstro" da banda irlandesa U2 ou da inglesa Rolling Stones, ou de Madonna e Michael Jackson, por exemplo. Nesses casos, quer dizer os maiores e os melhores. O termo pode ser tomado emprestado ainda até para vender roupas,

como é o caso da jovem grife Amonstro, das estilistas Helena Pimenta e Livia Torres, que faz a cabeça de muitas mocinhas paulistanas.

CONSTATAÇÃO

O exemplo mais emblemático de que o monstruoso provocado por alguma deformidade na aparência nas artes acabava por isolar e até confinar as pessoas é a trama de *O fantasma da Ópera*, um dos textos mais explorados em musicais de teatro e em filmes de terror: um sujeito tem seu rosto transfigurado e passa a usar uma máscara e a aparência de fantasma para se vingar de seus desafetos e tornar a mulher amada uma estrela.

No estilo mais tradicional, os estúdios da Universal, em Hollywood, ficaram conhecidos nos anos de 1930 e 1940 como especialistas em popularizar monstros oriundos da literatura ou do imaginário popular, como Drácula, Lobisomem, Múmia, Homem Invisível, Monstro da Lagoa, Fantasma da Ópera etc. O sucesso desse gênero de cinema, quase sempre de efeitos



Vampiros de almas, 1956. A invasão dos Estados Unidos pelos ETs ou pelos comunistas?

ENCICLOPÉDIA DOS MONSTROS

visuais precários, pode ser visto como fonte inspiradora para a invasão de monstros que aconteceria no rádio e, mais adiante, nas histórias em quadrinhos.

Os gibis de terror americanos surgiram no final da década de 1940, com seus apavorantes monstros à procura de carne humana. Tornaram-se alvo de muita polêmica e censura. Em especial, os gibis produzidos pela editora EC Comics, que levaram à criação de um código de censura dos editores e distribuidores americanos em 1954 —, e cujo o selo obrigatório reproduzimos na capa deste livro.

A corrida espacial que se seguiu à Segunda Guerra Mundial como estratégia da Guerra Fria é um caso curioso nesse sentido: o medo do desconhecido além das fronteiras da Terra, antecipado por H. G. Wells na década de 1930, com *A Guerra dos Mundos*, atçou a imaginação de roteiristas e escritores e fez surgir centenas de filmes, romances, programas de rádio e histórias em quadrinhos nos quais, invariavelmente, os alienígenas eram criaturas feias e más, quase sempre de aspecto monstruoso — a não ser aqueles que tinham a capacidade de se disfarçar como seres humanos.

No contexto do pós-guerra, filmes de ficção científica e de terror foram considerados, depois, como uma forma de representação figurada de ideologias políticas. Diretores de esquerda criavam alegorias para mostrar como o preconceito

Edward Mãos-de-Tesoura, *um conto de fadas gótico de Tim Burton. O monstro que seduziu mulheres de todo o mundo.*



ao diferente e tido como estranho (o comunismo, no caso) levou a gestos de intolerância. Na contramão, os de direita afirmavam que ideologias perigosas (o comunismo, de novo) conseguiram adentrar nas mentes das pessoas e, mesmo assim, fazerem com que elas agissem como “normais”.

BONZINHOS

Nada parecia conter esses seres, pois o público dava sinal de se acostumar com sua presença e até gostar deles. Assim, a idéia de monstro, aos poucos, no decorrer do século XX, começou a ser transformada pela mídia. No primeiro momento, até a década de 1950, para assustar como forma de entreter e extravasar. Depois, com seriados e desenhos animados de TV, para incutir nas crianças que as aparências muitas vezes enganam e que, portanto, tudo pode ser apenas preconceito.

Apareceram, então, monstros ditos bonzinhos, um pioneirismo que se deve a *Gasparzinho*, um desenho animado lançado pela Paramount em 1946 — viraria gibi pela Harvey Comics nos anos de 1950. Duas séries da TV americana da década de 1960 se tornaram representativas desse gênero: *Os Monstros* e *A Família Addams*, que alcançaram bastante sucesso na TV, embora tenham causado estranheza no início. Com esse visual, *A Família Addams* ganhou efeitos especiais de superprodução e fez muito sucesso em dois filmes nos anos de 1990, com os atores Raul Julia, Anjelica Houston e Christina Ricci.

Nos últimos quarenta anos, criaturas de aspecto assustador que acabam por conquistar a simpatia de todos e se revelam bondosos têm surgido cada vez mais no cinema e na televisão. Incorporaram-se até ao cotidiano de apreciadores de arte gótica, do grotesco que, a partir dos anos de 1980, estabeleceriam um padrão de conduta que se poderia chamar de cultura gótica, cujo visual sombrio lembra criaturas de filmes de vampiros.

Tudo isso ao som da trilha sonora do grupo The Cure e com o adendo de um dos acontecimentos da cultura pop da época: as histórias em quadrinhos de *Sandman*, personagem da mitologia anglo-saxã reinventada pelo escritor Neil Gaiman. Suas histórias ambientadas no mundo dos sonhos e das trevas arrebataram uma legião de fãs em vários países — inclusive no Brasil —, com a apresentação de seres que em outros tempos povoavam o imaginário na condição de monstros — como a Morte, reinventada como uma jovem de aspecto gótico.

Outro gênero musical que adotou a figura de monstros como ícone e uma referência com satanismo desde os anos de 1970 foi o heavy metal, cujo melhor exemplo é a banda Iron Maiden. Próximas de um terror mais clássico, ancoradas na imagem dos monstros e na estética da EC Comics da década de 1970, as bandas de rockabilly de todo o mundo passaram a brincar com a velha figura do diabo em seus discos e no visual, cujo caso mais representativo é a The Cramps. E a brasileira The Deadbillies, já extinta.

Enquanto isso, Tim Burton iniciou com o curta-metragem *Vincent* (1982) a apresentação de uma série de criaturas bizarras e até monstruosas — porém boazinhas e sedutoras — que se prolongaria em quatro longas-metragens cultuados: *Edward Mãos-de-Tesoura* (1990), *O estranho mundo de Jack* (1993), *Peixe grande e outras histórias* (2003) e *A noiva cadáver* (2005). Essas produções abriram espaço para uma revisão no conceito de monstruosidade, que ganharia reforço com as animações *Monstros S.A.* e a série *Shrek* na primeira década deste novo século.

Em vez de sentir medo quando viram essas superproduções, as crianças tiveram uma reação contrária: e correram às lojas de brinquedo para ter as esquisitas figuras em seus quartos. Mais que repugnantes, essas criaturas se revelaram amáveis e dotadas de profundos sentimentos de amor, amizade, fidelidade e de uma série de princípios éticos. Algo que parece necessário, uma vez que os noticiários da TV mostram aqueles que deveriam dar bons exemplos, ocuparem o lugar dos antigos bichos-papões. Teriam eles assumido, na dura circunstância da vida real, o papel dos velhos e daninhos monstros?

Família Addams fez sucesso como série de TV, no cinema e nos desenhos animados. Na foto, elenco do filme de 1990.

